

NORA ROBERTS

MARÉS ALTAS

LIVRO DOIS DA SAGA DA BAÍA DE CHESAPEAKE



Caro Leitor,

O coração e a alma da Costa Leste de Maryland são os seus barqueiros, os homens que ganham a vida na Baía de Chesapeake e nos seus canais. Enfrentam dificuldades, temporais, épocas baixas. Dia após dia, ano após ano, cruzam as águas — preparando os covos de caranguejo, dragando em busca de ostras — e fazem parte de um mundo que muitos de nós nunca iremos conhecer. Vendo a aurora vermelha a irromper sobre a água escura, observando uma tempestade a desembrulhar-se de forma lenta e negra a partir do oriente. Com as suas botas de borracha e luvas grossas, conduzem os seus barcos da faina através de frígidas alvoradas ou tardes sufocantes em busca do caranguejo-azul, pelo qual a zona é famosa.

Ethan Quinn é barqueiro. Não nasceu com a tradição, mas recebeu-a de braços abertos. É um homem sossegado, cujo coração é tão profundo como as águas que adora. Em Marés Altas, irá enfrentar mais do que o desafio de ganhar a vida na Baía ou a luta para transformar num sucesso o embrionário negócio de construção de barcos que ele e os irmãos iniciaram.

Há um rapazinho que precisa de si e uma mulher e respectiva filha a quem ele ama mas que nunca acreditou poder ter. Para moldar a sua vida em redor deles, Ethan tem de enfrentar o seu próprio passado negro, tem de aceitar não só aquilo que é, mas aquilo em que espera tornar-se.

Nora Roberts

DEDICADO
À ESPIRITUOSA E ENCANTADORA
CHRISTINE DORSEY.
SIM, CHRIS, É A TI QUE ME REFIRO.

PRÓLOGO

Ethan acordou dos sonhos e rebolou para fora da cama. Ainda estava escuro, mas ele começava habitualmente o seu dia antes que a noite desse lugar à aurora. Gostava do sossego, da rotina simples, do trabalho duro que se seguiam.

Nunca se esquecera de se sentir grato por ter podido fazer esta escolha e ter esta vida. Embora as pessoas responsáveis por lhe terem dado tanto a escolha como a vida tivessem morrido, para Ethan, a bela casa na água ainda ecoava com as suas vozes. Muitas vezes, dava por si a olhar de relance sobre o seu pequeno-almoço solitário na cozinha à espera de ver a mãe a entrar a arrastar os pés, a bocejar, com o cabelo ruivo em selvagem desalinho por ter estado a dormir e os olhos meio cegos de sono.

E, apesar de ela ter partido há quase sete anos, havia um reconforto naquela acolhedora imagem matinal.

Era mais doloroso pensar no homem que se tornara seu pai. A morte de Raymond Quinn ainda estava demasiado fresca, passados uns meros três meses, para que existisse reconforto. E as circunstâncias em redor dela tinham sido feias e inexplicadas. A sua morte acontecera num acidente de automóvel em plena luz do dia numa estrada seca, num dia de Março que cheirava a Primavera. O carro seguia depressa, com o seu condutor incapaz — ou relutante — de o controlar

numa curva. Os testes tinham comprovado que não houvera nenhuma razão física para Ray ter chocado contra o poste telefónico.

Mas havia provas de uma razão emocional, e isso pesava no coração de Ethan.

Ethan pensava nisso enquanto se preparava para o dia — dando ao seu cabelo, ainda húmido do duche, uma escovada apressada, que de nada serviu para domar as ondas espessas de castanho alourado pelo Sol. Barbeou-se no espelho embaçado, com os seus tranquilos olhos azuis sóbrios enquanto raspava a espuma e a barba de uma noite de um rosto bronzeado e ossudo que continha segredos que raramente optara por partilhar.

Tinha uma cicatriz que acompanhava a parte esquerda da linha do seu maxilar — cortesia do seu irmão mais velho e pacientemente cosida pela mãe. Era uma sorte, pensou Ethan enquanto esfregava um polegar distraidamente pelo sulco esbatido, que a mãe deles fosse médica. Um dos seus três filhos tinha geralmente necessidade de primeiros socorros.

Ray e Stella tinham-nos acolhido, três rapazes quase adultos, todos selvagens, todos perturbados, todos estranhos. E tinham-nos transformado numa família.

Dez meses antes da sua morte, Ray acolhera mais um.

Seth DeLauter pertencia-lhes agora. Ethan nunca o pôs em causa. Sabia que outros o tinham feito. Havia falatórios pela pequena vila de S. Cristóvão acerca de Seth não ser apenas mais um dos rapazes extraviados de Ray Quinn mas sim o seu filho ilegítimo. Uma criança concebida com outra mulher enquanto a sua esposa ainda era viva. Uma mulher mais jovem.

Ethan podia ignorar os falatórios, mas era impossível ignorar o facto de que Seth, com dez anos de idade, o olhava com os olhos de Ray Quinn.

Havia naqueles olhos sombras que Ethan também reconhecia. Os sofredores reconheciam os sofredores. Sabia que a vida de Seth, antes de Ray o ter acolhido, fora um pesadelo. Ele próprio vivera o seu.

Agora o miúdo estava a salvo, pensava Ethan enquanto vestia umas calças largas de algodão e uma camisa de trabalho descolorada. Agora ele era um Quinn, mesmo que as questões legais ainda não estivessem completamente resolvidas. Tinham Phillip para tratar disso. Ethan calculava que o seu irmão louco por pormenores conseguisse tratar dessa parte das coisas com o advogado. E sabia que Cameron, o mais velho dos irmãos Quinn, conseguira estabelecer uma ténue ligação com Seth.

Esforçara-se para o conseguir, pensou Ethan meio a sorrir. Tinha sido como olhar para dois gatos machos a bufar e a enclavinar-se. Agora que Cam se casara com a assistente social, podia ser que as coisas acalmassem um pouco.

Ethan preferia uma vida calma.

Ainda tinham conflitos, com a companhia de seguros a recusar-se a respeitar a apólice de Ray por existir suspeita de suicídio. Ethan sentiu uma contracção no estômago e parou por momentos para se deixar descontrair novamente. O pai nunca se teria matado. O Poderoso Quinn sempre enfrentara os seus problemas e ensinara os filhos a fazerem o mesmo.

Mas era uma nuvem que pairava sobre a família e que se recusava a afastar-se. Havia outras, também. O súbito aparecimento em S. Cristóvão da mãe de Seth e as suas acusações de abuso sexual, feitas ao reitor da faculdade onde Ray leccionara Literatura Inglesa. Não tinham pegado — houvera demasiadas mentiras, demasiadas alterações na sua história. Mas não se podia negar que o seu pai ficara abalado. Não se

podia negar que, pouco tempo depois de Gloria DeLauter ter saído novamente de S. Cris, Ray também se fora embora.

E regressara com o rapaz.

Também havia a carta encontrada no carro depois do acidente de Ray. Uma óbvia ameaça de chantagem por parte da mulher DeLauter. Havia o facto de Ray lhe ter dado dinheiro, muito dinheiro.

Agora ela desaparecera de novo. Ethan queria que ela se mantivesse longe, mas sabia que o falatório não iria parar até que todas as respostas fossem claras.

Nada podia fazer em relação a isso, recordou-se Ethan. Deu um passo em direcção ao hall de entrada, bateu rapidamente na porta à frente da sua. Ao grunhido de Seth seguiu-se uma lamúria sonolenta e depois um palavrão maldispósito. Ethan continuou a andar, dirigindo-se à parte de baixo da casa. Não tinha dúvidas de que Seth voltaria a queixar-se por estar a acordar tão cedo. Mas, com Cam e Anna a passarem a lua-de-mel na Itália e Phillip em Baltimore até ao fim-de-semana, era Ethan que tinha de acordar o rapaz e levá-lo a casa de um amigo para fazer tempo até serem horas de ir para a escola.

A época do caranguejo estava ao rubro, e o dia de um barqueiro começava antes do Sol. Portanto, até que Cam e Anna regressassem, o de Seth também começava.

A casa estava silenciosa e escura mas ele movimentava-se nela com facilidade. Já tinha uma casa sua, mas parte do acordo para conseguirem a custódia de Seth passava por os três irmãos viverem debaixo do mesmo tecto e partilharem as responsabilidades.

Ethan não se importava com as responsabilidades, mas sentia falta da sua casinha, da sua privacidade e do sossego do que fora a sua vida.

Ligou as luzes da cozinha. Tinha sido a vez de Seth de a limpar depois do jantar na noite anterior e Ethan reparou que ele fizera um trabalho desmazelado. Ignorando a superfície atravancada e pegajosa da mesa, dirigiu-se directamente ao fogão.

Simon, o seu cão, espreguiçou-se indolentemente para se desenrolar. A cauda bateu no chão. Ethan pôs o café a fazer, cumprimentando o perdigueiro com uma esfregadela distraída na cabeça.

Recordava-se agora do sonho, aquele em que fora apanhado mesmo antes de acordar. Ele e o pai no barco a verificarem os covos de caranguejo. Só eles os dois. O Sol cegava de brilho e calor, a água estava calma e límpida como um espelho. Tinha sido tão nítido, pensava agora, até mesmo os cheiros da água e do peixe e do suor.

A voz do pai, de que tão bem se recordava, transportara os sons do motor e das gaiivotas.

«Eu sabia que vocês os três olhariam pelo Seth.»

«Não precisavas de morrer para pôr isso à prova.» Havia ressentimento no tom de voz de Ethan, uma raiva subjacente que ele não se permitira admitir enquanto estava acordado.

«Também não era essa a minha ideia», disse Ray brandamente, enquanto puxava caranguejos do covo por baixo da bóia que Ethan puxara com o croque. As suas luvas grossas cor-de-laranja de pescador brilhavam ao Sol. «Podes confiar em mim. Tens aqui uns belos berbigões e montes de caranguejos.»

Ethan olhou de relance para o covo de arame cheio de caranguejos, anotando automaticamente o tamanho e o número. Mas não era a pescaria que interessava, não aqui, não neste momento. «Queres que confie em ti mas não te explicas.»

Ray olhou para trás, dando um piparote no chapéu ver-

melho-vivo que usava sobre o seu exuberante cabelão prateado. O vento arrastava-lhe o cabelo, fazendo a caricatura de John Steinbeck que adornava a sua T-shirt folgada enrolar-se sobre o seu peito largo. O grande escritor americano tinha na mão uma placa a dizer que trabalhava em troca de comida, mas não parecia muito contente com isso.

Em contraste, Ray Quinn resplandecia de saúde e energia, com bochechas coradas onde as rugas fundas só pareciam celebrar a disposição perfeita e satisfeita de um homem vigoroso na casa dos sessenta, ainda com anos de vida pela frente.

«Tens de encontrar o teu próprio caminho, as tuas próprias respostas.» Ray sorriu a Ethan com uns olhos brilhantemente azuis, e Ethan viu as rugas a aprofundarem-se em redor deles. «Assim tem mais significado. Estou orgulhoso de ti.»

Ethan sentiu a garganta a arder, o coração a apertar. De forma rotineira, voltou a lançar o covo, depois olhou para as bóias cor-de-laranja a oscilar na água. «Pelo quê?»

«Por existires. Apenas por existires, Ethan.»

«Eu devia ter aparecido mais por cá. Não devia ter-te deixado sozinho tantas vezes.»

«Isso são tretas.» Agora a voz de Ray estava irritada e impaciente. «Eu não era nenhum velho inválido. Vou ficar muito irritado se pensares dessa maneira, se te culpares por não teres tomado conta de mim, valha-me Deus. Da mesma maneira que querias culpar o Cam por ir viver para a Europa — e até mesmo o Phillip por ir para Baltimore. Os pássaros saudáveis abandonam o ninho. Eu e a tua mãe criámos pássaros saudáveis.»

Antes que Ethan pudesse falar, Ray levantou a mão. Era um gesto tão típico, o professor a argumentar e a recusar ser interrompido, que Ethan viu-se obrigado a sorrir. «Sentiste

a falta deles. Por isso é que querias estar zangado com eles. Eles foram-se embora, tu ficaste, e sentiste a falta de os ter por perto. Bem, agora já os tens de volta, não é?»

«Parece que sim.»

«E arranjaste uma linda cunhada, o início de um negócio de construção de barcos e este...» Ray fez um gesto para absorver a água, as bóias oscilantes, as altas zosteras lustrosas na margem onde uma garça-branca solitária se erguia como um pilar de mármore. «E dentro de ti tens algo de que o Seth necessita. Paciência. Talvez até em demasia em determinadas coisas.»

«O que é que isso quer dizer?»

Ray suspirou tempestuosamente. «Há uma coisa que não tens, Ethan, e de que precisas. Tens andado por aí à espera, a arranjar desculpas e sem fazeres rigorosamente nada para a conseguires. Se não fizeres nada em breve, vais perdê-la novamente.»

«O quê?» Ethan encolheu os ombros e manobrou o barco até à bóia seguinte. «Tenho tudo o que preciso, e o que quero.»

«Não te perguntes o quê, pergunta-te quem.» Ray estalou a língua e deu um abanão rápido aos ombros do filho. «Acorda, Ethan.»

E ele acordara, com a estranha sensação daquela mão grande e familiar no seu ombro.

Mas, pensou ele enquanto matutava sobre a sua primeira chávena de café, ainda não tinha as respostas.

UM



— **A**rranjámos aqui uns belos caranguejos, capitão. — Jim Bodine reunia os caranguejos do covó, atirando com a pescaria vendável para dentro do alguidar. As pinças afiadas não lhe faziam diferença — e as cicatrizes nas suas mãos grossas provavam-no. Usava as luvas tradicionais da profissão, mas, como qualquer barqueiro poderá confirmar, elas desgastavam-se depressa. E, se tivessem um buraco, Deus sabia que um caranguejo era capaz de o encontrar.

Trabalhava com firmeza, com as pernas bem afastadas para se equilibrar no balanço do barco, os olhos escuros semicerrados num rosto desgastado pela idade, pelo Sol e pela vida. Tanto lhe podiam dar cinquenta como oitenta anos, e Jim não se ralava muito com a opção escolhida.

Tratava sempre Ethan por Capitão, e raramente proferia mais do que uma frase declarativa de cada vez.

Ethan mudou a rota em direcção ao covó seguinte, com a mão direita a empurrar ligeiramente a cana de leme que a maioria dos barqueiros utilizava em vez do leme. Ao mesmo tempo, controlava os níveis das válvulas reguladoras e dos instrumentos com a esquerda. Havia sempre pequenos ajustes a fazer a cada progressão pela linha de armadilhas.

A Baía de Chesapeake podia ser generosa quando queria,

mas gostava de ser ardilosa e de fazer uma pessoa esforçar-se para receber a sua recompensa.

Ethan conhecia tão bem a Baía como se conhecia a si mesmo. Muitas vezes, achava que a conhecia melhor — os temperamentos e movimentos volúveis do maior estuário do continente. Fluía de norte a sul através de trezentos e setenta quilómetros, mas media apenas sete quilómetros e meio de largura no ponto em que roçava o Annapolis e cinquenta e cinco na foz do rio Potomac. S. Cristóvão estava abrigada na parte sul da Costa Este de Maryland, na dependência da sua generosidade, amaldiçoando-a pelos seus caprichos.

As águas de Ethan, as águas da sua casa, eram delimitadas por terrenos pantanosos, enfileiradas por rios de águas baixas com margens pontiagudas que tremeluziam através de matas de eucaliptos e carvalhos.

Era um mundo de canais de maré e baixios súbitos, onde se enraizavam valisnérias e ervas-do-arganel.

Aquele tornara-se o seu mundo, com as estações inconstantes, os temporais súbitos e sempre, sempre, os sons e aromas da água.

Calculando o tempo, agarrou no croque e, com um movimento treinado tão suave como uma dança, enganchou a fileira de covos e atirou-a para dentro do mecanismo dos covos.

Em segundos, o covo ergueu-se da água, deixando um rasto de algas e bocados de isco antigo e cheio de caranguejos.

Viu as pinças vermelho-vivo das fêmeas totalmente desenvolvidas e os olhos ameaçadores dos grandes machos.

— Belos caranguejos — foi tudo o que Jim teve a dizer quando se deitou ao trabalho, içando o covo para bordo como se pesasse gramas em vez de quilos.

A água estava agitada nesse dia, e a Ethan cheirava a tem-

poral a aproximar-se. Manobrou os instrumentos com os joelhos quando precisou das mãos para outras tarefas. E deitou o olho às nuvens que começavam a juntar-se no distante céu ocidental.

Tempo suficiente, calculou, para descer pela linha de armadilhas no canal estreito da baía e ver quantos mais caranguejos se tinham metido nos covos. Sabia que Jim estava com alguma falta de dinheiro — e ele precisava de todo o dinheiro que conseguisse arranjar para manter a funcionar o embrionário negócio de construção de barcos a que havia dado início com os irmãos.

Tempo suficiente, pensou novamente, enquanto Jim voltava a iscar um covo com bocados de peixe amolecidos e o atirava borda fora. Como se estivesse a saltar ao eixo, Ethan apanhou a bóia seguinte com o croque.

Simon, o lustroso *retriever* da Baía de Chesapeake de Ethan, estava de pé, com as patas da frente na amurada, de língua de fora. Tal como o dono, raramente se sentia mais feliz do que quando andava na água.

Trabalhavam em parelha, e quase em silêncio, comunicando através de grunhidos, encolheres de ombros e um ou outro palavrão. O trabalho era um consolo, uma vez que os caranguejos eram abundantes. Anos houvera em que não o tinham sido, anos em que parecia que o Inverno os exterminara ou que as águas nunca iriam aquecer o suficiente para se sentirem tentados a nadar.

Nesses anos, os barqueiros sofriam. A menos que tivessem outra fonte de rendimentos. Ethan tencionava tê-la, construindo barcos.

O primeiro barco Quinn estava quase pronto. E que beleza que era, pensou Ethan. Cameron já tinha um segundo cliente em vista — um ricoço qualquer dos tempos de cor-

ridas de Cam — portanto, iriam começar outro dentro em breve. Ethan nunca duvidou que o irmão conseguisse fazer entrar dinheiro.

Iriam conseguir, disse a si mesmo, por mais duvidoso e cheio de queixas que Phillip estivesse.

Olhou de relance para o Sol, calculou o tempo — e as nuvens que se deslocavam lentamente, de forma estável, em direcção a leste.

— Vamos levá-los para dentro, Jim.

Tinham estado oito horas na água, um dia curto. Mas Jim não se queixou. Sabia que não fora tanto a aproximação do temporal que fizera Ethan pilotar o barco de volta ao canal. — O miúdo já deve ter chegado da escola — disse ele.

— Pois. — E apesar de Seth já ser suficientemente auto-suficiente para ficar em casa sozinho uma parte da tarde, Ethan não gostava de desafiar o destino. Um miúdo de dez anos, e com o feitio de Seth, era um íman para sarilhos.

Quando Cam regressasse da Europa dali a duas semanas, revezar-se-iam em relação a Seth. Mas, por agora, o rapaz era responsabilidade de Ethan.

A água na baía agitava-se, tornando-se agora cinzenta-metalizada para espelhar o céu, mas nem os homens nem o cão se preocupavam com a viagem tortuosa enquanto o barco trepava as pontas íngremes das ondas, para depois voltar a cair na depressão. Simon estava agora na proa, de cabeça levantada e as orelhas a adejarem ao vento, mostrando os dentes, fazendo um sorriso canino. Ethan construía ele próprio o barco, e sabia que ele resistiria. Tão confiante como o cão, Jim abrigou-se debaixo do toldo e, fechando as mãos em concha, acendeu um cigarro.

A marginal de S. Cris estava animada com turistas. Os primeiros dias de Junho atraíam-nos para fora da cidade, ten-

tavam-nos a viajar dos subúrbios de Washington e Baltimore. Ele imaginava que pensassem na pequena vila de S. Cristóvão como pitoresca, com as suas ruas estreitas e casas de sarrafo e lojas minúsculas. Gostavam de ver os dedos dos seleccionadores de caranguejos a voar, e de comer os estaladiços hambúrgueres de caranguejo ou de contar aos amigos que tinham comido uma tigela de sopa de caranguejo. Ficavam alojados nas pensões — S. Cris orgulhava-se de ter nada mais nada menos do que quatro — e gastavam o seu dinheiro nos restaurantes e lojas de recordações.

Ethan não se ralava com eles. Nos tempos em que a Baía era avara, o turismo mantinha a vila viva. E achava que tempos viriam em que alguns daqueles mesmos turistas poderiam vir a decidir que ter um veleiro de madeira feito à mão era o seu desejo mais profundo.

O vento aumentou quando Ethan ancorou no cais. Jim saltou agilmente para prender as amarras, com as pernas curtas e o corpo atarracado a fazê-lo parecer um sapo saltitante com galochas brancas e um chapéu de pedinte besuntado de gordura.

Ao sinal despreocupado de Ethan com a mão, Simon deixou cair o rabo e permaneceu no barco enquanto os homens se esforçavam para descarregar a pescaria do dia e o vento fazia dançar o toldo verde desbotado pelo Sol. Ethan viu Pete Monroe a dirigir-se a eles, com o seu cabelo cinzento-ferro esmagado debaixo de um chapéu de abas já gasto e o corpo robusto equipado com calças caqui largas e uma camisa vermelha as quadrados.

— Boa pescaria a de hoje, Ethan.

Ethan sorriu. Gostava bastante do Sr. Monroe, apesar de o homem ter uma veia avarenta muito profunda. Geria a Casa de Caranguejos Monroe como um unhas-de-fome. Mas, na

opinião de Ethan, qualquer pessoa que gerisse uma fábrica de conservação de carne de caranguejo queixava-se dos lucros.

Ethan empurrou o seu próprio boné para trás, coçou a nuca, onde o suor e o cabelo húmido lhe faziam comichão.

— Escapa.

— Hoje chegaste cedo.

— Vem aí temporal.

Monroe anuiu com a cabeça. Os seus seleccionadores de caranguejo, que tinham estado a trabalhar à sombra de toldos às riscas, já se preparavam para voltar para dentro. A chuva também iria obrigar os turistas a entrarem, ele sabia, para beberem café ou comerem gelados. Uma vez que era quase dono dos comes-e-bebes da Baía, ele não se importava.

— Parece que tens ali uns vinte e cinco hectolitros.

Ethan deixou o sorriso abrir-se. Havia quem pudesse ter dito que tinha um ar de pirata no olhar. Ethan não se teria sentido insultado, mas teria ficado surpreendido. — Eu diria que são mais uns trinta e dois. — Conhecia os preços de mercado até ao último centavo, mas compreendia que iriam, como sempre, negociar. Puxou do charuto negociador, acendeu-o e deitou mãos ao trabalho.

As primeiras gotas grossas de chuva começaram a cair quando se dirigia de barco para casa. Calculava que tinha conseguido um preço justo pelos seus caranguejos — os seus trinta hectolitros e meio de caranguejos. Se o resto do Verão fosse assim tão bom, ia considerar a hipótese de deitar à água mais cem covos no ano seguinte, e talvez contratar uma tripulação a meio-tempo.

Apanhar ostras na baía já não era a mesma coisa desde que os parasitas tinham matado tantas delas. Isso tornou os Invernos difíceis. Umas quantas boas épocas de caranguejo era do que precisava para investir o maior quinhão dos lucros

no novo negócio — e para ajudar a pagar os honorários do advogado. A boca apertou-se-lhe com a ideia enquanto contornava as vagas em direcção a casa.

Não deviam precisar da porcaria de um advogado. Não deviam ter de pagar a um tagarela qualquer de fato lustroso para limpar o bom nome do pai. Fosse como fosse, isso não iria fazer parar os mexericos na vila. Esses só iriam parar quando as pessoas descobrissem qualquer coisa mais succulenta para se entreterem do que a vida e a morte de Ray Quinn.

E o miúdo, pensou Ethan, olhando sobre a água que estremeceu debaixo da chuva torrencial. Havia quem gostasse de falar pelas costas sobre o miúdo que olhava para eles com os olhos azuis-escuros de Ray Quinn.

Não era por si que se importava. Por Ethan, as pessoas podiam abanar as línguas acerca dele até que lhes caíssem das bocas flácidas. Mas importava-se, e muito, que alguém dissesse uma palavra maldosa sobre o homem que amara com todas as suas forças.

Sendo assim, para pagar ao advogado, iria trabalhar até ficar com os dedos dormentes. E iria fazer o que fosse preciso para ficar com a guarda da criança.

A trovoadá abanou o céu, atordoando a água como fogo de canhão. A luz ensombrou-se como se fosse crepúsculo, e aquelas nuvens escuras dilataram-se para derramar sólidos lençóis de chuva. Mesmo assim, não se apressou quando ancorou no pontão de sua casa. Quanto a si, um pouco mais de chuva não iria matá-lo.

Como se em concordância com o sentimento, Simon saltou para nadar para terra enquanto Ethan prendia as amarras. Ethan agarrou na lancheira e, com as suas galochas molhadas a espezinharem o cais, dirigiu-se a casa.

Descalçou as botas no alpendre das traseiras. A mãe che-

gare-lhe a roupa ao pêlo vezes suficientes na sua juventude por deixar pegadas de lama, para que o hábito lhe ficasse arreigado na idade adulta. Ainda assim, não se importou com o cão molhado a afocinhar pela porta dentro à sua frente.

Até ver o chão e as bancadas a brilhar.

Merda, foi só o que conseguiu pensar enquanto analisava as patadas e ouvia o alegre latido de cumprimento de Simon. Ouviu-se um guincho, mais latidos e depois risos.

— Estás encharcado! — A voz feminina era baixa, suave e divertida. Era também muito firme, o que levou Ethan a estremecer de culpa. — Lá para fora, Simon! Vai lá para fora. Vai secar-te no alpendre da frente.

Houve outro guincho, risadinhas de bebé e a gargalhada de um miúdo a acompanhar. Está cá a malta toda, pensou Ethan, sacudindo a chuva do cabelo. No momento em que ouviu passos na sua direcção, foi direito ao armário buscar uma esfregona.

Não se mexia depressa muitas vezes, mas conseguia fazê-lo quando era preciso.

— Oh, Ethan. — Grace Monroe estava de mãos nas ancas estreitas, olhando para ele e para as patadas no seu chão acabado de encerar.

— Eu trato disso. Desculpa. — Ele viu que a esfregona ainda estava húmida e decidiu que era melhor não olhar directamente para Grace. — Não estava a raciocinar — balbuciou, enchendo um balde no lava-louça. — Não sabia que vinhas cá hoje.

— Ah, então deixas cães molhados correrem pela casa e sujarem o chão quando eu não venho?

Ele sacudiu um ombro. — O chão estava sujo quando saí hoje de manhã, não achei que um bocadinho de água lhe fizesse mal. — Então, descontraiu um pouco. Nos últimos tem-

pos, parecia sempre que precisava de uns minutos para descontrair quando estava ao pé de Grace. — Mas, se eu soubesse que ias cá estar para me esfolares vivo por causa disso, tinha-o deixado no alpendre.

Ele estava a sorrir quando se virou, e ela deixou escapar um suspiro.

— Oh, dá-me a esfregona. Eu limpo.

— Não. O cão é meu, a porcaria é minha. Ouvi a Aubrey.

Distraidamente, Grace encostou-se à ombreira da porta. Estava cansada, mas isso não era de estranhar. Também já tinha trabalhado oito horas nesse dia. E ia trabalhar mais quatro no Shiney's Pub nessa noite a servir bebidas.

Havia noites em que, quando se metia na cama, podia jurar que ouvia os pés a chorarem.

— O Seth está a tomar conta dela por mim. Tive de trocar os meus dias. A Sra. Lynley telefonou hoje de manhã a perguntar se eu podia trocar a casa dela para amanhã porque a sogra lhe telefonou de Washington a fazer-se de convidada para jantar. A Sra. Lynley diz que a sogra é uma mulher que olha para uma mancha de pó como se fosse um pecado contra Deus e o Homem. Não achei que te importasses se eu limpas-se a tua casa toda hoje em vez de amanhã.

— Tu encaixas-nos nos dias em que te der jeito, Grace, e nós ficamos agradecidos.

Ele observava-a por debaixo das pestanas enquanto limpava o chão com a esfregona. Sempre achara que ela era uma coisa bonita. Como um cavalo palomino — todo dourado e de pernas altas. Ela cortava o cabelo curto à rapaz, mas ele gostava da maneira como lhe assentava na cabeça, como um boné luzidio com franja.

Era tão magra como uma daquelas modelos que valem um milhão de dólares, mas ele sabia que a forma longa e es-

guia de Grace não era para a moda. Fora uma miúda alta, desajeitada e esquelética, segundo se recordava. Devia ter uns sete ou oito anos quando ele viera para S. Cris e para os Quinn. Ele calculava que ela agora tivesse uns vinte e tal — e «esquelética» já não era exactamente a palavra que a descrevia.

Era como um salgueiro pendente, pensou ele, muito perto de corar.

Ela sorriu-lhe, e os seus olhos verdes de sereia aqueceram, com ténues covinhas a brincar-lhe nas bochechas. Por razões que ela não podia mencionar, achava divertido ver um espécime masculino tão saudável de esfregona na mão.

— Tiveste um bom dia, Ethan?

— Escapou. — Fez um trabalho meticuloso no chão. Era um homem meticuloso. Depois, voltou ao lava-louça para enxaguar o balde e a esfregona. — Vendi uma porção de caranguejos ao teu papá.

Com a referência ao seu pai, o sorriso de Grace desvaneceu-se um pouco. Havia uma distância entre eles, existia desde que ela engravidara de Aubrey e se casara com Jack Casey, o homem que o seu pai chamara de «aquele mecânico inútil que veio do Norte».

O seu pai acabara por ter razão em relação a Jack. O homem abandonara-a sem dó nem piedade um mês antes de Aubrey nascer. E levara-lhe as poupanças, o carro e a maior parte do seu amor-próprio.

Mas ela tinha ultrapassado isso, recordou-se Grace. E estava a sair-se bastante bem. Iria continuar a sair-se bem, sozinha, sem um único centavo da sua família — nem que para isso tivesse de matar-se a trabalhar.

Ouviu Aubrey a rir-se novamente, com uma longa gargalhada enrolada, e o seu ressentimento desapareceu. Tinha

tudo o que era importante. Estava tudo embrulhado num anjinho de olhos brilhantes e cabelo encaracolado que estava no quarto mesmo ao lado.

— Vou preparar-te o jantar antes de sair.

Ethan virou-se para trás, olhando novamente para ela. O Sol reflectia-se um pouco nela, e ficava-lhe bem. Aquecia-lhe a pele. Ela tinha um rosto comprido que combinava com o corpo longo — embora o queixo tivesse tendência a ser teimoso. Se um homem olhasse de relance, veria uma loura alta e tranquila — um corpo bonito, um rosto que fazia querer olhar só mais um bocadinho.

E, se o fizesse, veria olheiras debaixo dos grandes olhos verdes e fadiga à volta da boca macia.

— Não tens de fazer isso, Grace. Devias ir para casa descontraír um bocado. Hoje à noite trabalhas no Shiney's, não é?

— Tenho tempo — e prometi hambúrgueres com tomate ao Seth. Não demoro muito. — Virou-se, enquanto Ethan continuava a olhá-la fixamente. Ela aceitara há muito que aqueles olhares longos e pensativos por parte dele lhe faziam ferver o sangue. Mais um dos pequenos problemas da vida, supunha. — O que é que foi? — perguntou, e esfregou a mão na bochecha como se esperasse encontrar uma sujidade.

— Nada. Bem, se vais cozinhar, devias ficar por cá e ajudar-nos a comer.

— Eu gostava. — Voltou a descontraír e dirigiu-se a ele para lhe tirar o balde e a esfregona e guardá-los ela mesma. — A Aubrey adora estar aqui contigo e com o Seth. Porque é que não vais ter com eles? Tenho de acabar de lavar uma roupa e depois começo a fazer o jantar.

— Eu dou-te uma ajuda.

— Não dás nada. — Era outra questão de orgulho para

ela. Eles pagavam-lhe, ela fazia o trabalho. O trabalho todo. — Vai para a sala — e não te esqueças de perguntar ao Seth pelo teste de Matemática que ele trouxe hoje.

— Como é que ele se saiu?

— Outro cinco. — Piscou o olho e enxotou Ethan. O Seth era tão esperto, pensou ela enquanto se dirigia à lavandaria, do lado de fora da cozinha. Se, na prática, tivesse tido melhor cabeça para os números quando era mais nova, não teria andado a sonhar enquanto andava na escola.

Teria aprendido uma profissão, uma profissão a sério, não apenas servir bebidas e limpar casas ou escolher caranguejos. Teria tido uma carreira para se apoiar quando dera por si sozinha e grávida, com todas as suas esperanças de partir para Nova Iorque para se tornar bailarina a serem despedaçadas como vidros partidos por tijolos.

Fosse como fosse, tinha sido um solo tolo, disse a si mesma, tirando a roupa da máquina de secar e colocando lá a roupa molhada tirada da máquina de lavar. Uma quimera, como diria a sua mãe. Mas a verdade é que, enquanto crescera, só quisera duas coisas. A dança e Ethan Quinn.

Nunca conseguira nem uma coisa nem outra.

Suspirou um pouco, segurando no lençol quente e macio que tirou do cesto e levou à cara. O lençol de Ethan — tinha-o tirado da cama dele naquele dia. Conseguira sentir nele o seu cheiro nessa altura, e, se calhar, só por um minuto ou dois, permitira-se sonhar um bocadinho sobre como teria sido se ele a tivesse querido, se ela tivesse dormido com ele naqueles lençóis, na casa dele.

Mas os sonhos não faziam o trabalho, nem pagavam a renda, nem compravam as coisas de que a sua menina precisava.

Rapidamente, começou a dobrar os lençóis, pousando-os

meticulosamente sobre a máquina de secar que ribombava. Não era vergonha nenhuma ganhar a vida a limpar casas ou a servir bebidas. Em ambos os casos, fazia um bom trabalho. Era útil e era necessária. Isso chegava-lhe.

Certamente não fora útil nem necessária ao homem com quem estivera casada por tão pouco tempo. Se eles se tivessem amado, se se tivessem amado a sério, teria sido diferente. Para ela, tinha sido uma necessidade desesperada de pertencer a alguém, de ser querida e desejada enquanto mulher. Para Jack... Grace abanou a cabeça. Francamente não sabia o que tinha sido para Jack.

Uma atracção, supunha, que resultara em concepção. Sabia que ele acreditava ter feito o mais honrado ao levá-la ao registo e ao ficar ao seu lado defronte do juiz de paz naquele dia de Outono friorento para trocarem votos.

Nunca a tratara mal. Nunca se embebedara violentamente nem andara a espancá-la como ela sabia que alguns homens faziam às mulheres que não queriam. Não andou a farejar atrás de outras mulheres — pelo menos que ela soubesse. Mas ela vira, enquanto Aubrey se desenvolvia dentro dela e a sua barriga se arredondava, ela vira o olhar de pânico a surgir-lhe nos olhos.

Então, certo dia, ele simplesmente partira sem dizer uma palavra.

O pior de tudo, pensava agora Grace, é que ela ficara aliada.

Se Jack tinha feito alguma coisa por ela, tinha sido obrigá-la a crescer, a tomar as rédeas. E o que ele lhe dera valia mais do que as estrelas.

Colocou a roupa lavada dobrada num cesto, puxou o cesto para a anca e encaminhou-se para a sala principal.

Lá estava o seu tesouro, com o cabelo louro aos caracóis a

balançar, o belo rosto rosado iluminado de alegria enquanto estava sentada ao colo de Ethan e palavra para ele.

Com dois anos, Aubrey Monroe parecia um anjo de Botticelli, todo rosado e dourado, com olhos verdes brilhantes e covinhas a amolgar-lhe as bochechas. Pequenos dentes de gatinho e mãos com dedos compridos. Embora apenas conseguisse decifrar metade da sua tagarelice, Ethan anuí-a discretamente com a cabeça.

— E o que é que o Tolinho fez nessa altura? — perguntou ele, quando percebeu que ela lhe estava a contar uma história qualquer acerca do cachorro de Seth.

— Lambeu a minha cara. — Com os olhos a rirem-se, pegou nas duas mãos e percorreu as bochechas com elas. — Toda. — Sorrindo, envolveu o rosto de Ethan com as mãos e deu início a uma brincadeira que gostava de fazer com ele. — Au! — Deu uma risadinha e voltou a esfregar o rosto dele. — Barba.

Fazendo-lhe a vontade, ele deslizou os nós dos dedos pela bochecha macia dela e depois afastou a mão para trás. — Au. Tu também tens.

— Não! Tu.

— Não. — Ele puxou-a para mais perto e deu-lhe beijos ruidosos nas bochechas enquanto ela se contorcia de satisfação. — Tu.

Já com gargalhadas estridentes, contorceu-se para se soltar e mergulhou para o rapaz esparramado no chão. — Barba do Seth. — Cobriu-lhe a bochecha de beijos lambuzados. A virilidade exigiu que ele se encolhesse.

— Credo, Aub, poupa-me. — Para a distrair, pegou num dos carrinhos de brincar dela e fê-lo deslizar ao de leve pelo seu braço abaixo. — Tu és uma pista de automóveis.

Os olhos dela brilharam de emoção por causa da nova

brincadeira. Agarrando no carro, fê-lo deslizar, não com tanta suavidade, sobre todas as partes de Seth que conseguiu alcançar.

Ethan apenas sorria. — Tu é que começaste, amigo — disse ele a Seth quando Aubrey subiu pela coxa de Seth para lhe alcançar o outro ombro.

— É melhor do que ficar todo lambuzado — afirmou Seth, mas levantou o braço para impedir Aubrey de dar um trambolhão.

Por alguns momentos, Grace limitou-se a ficar parada a observar. O homem, descontraído na grande poltrona e a sorrir para as crianças. As próprias crianças, de cabeças juntas — uma delicada e coberta de caracóis dourados, a outra com uma guedelha desgrenhada de tons muito mais escuros.

O miúdo perdido, pensou ela, solidarizando-se com ele tal como fizera no primeiro dia em que o vira. Ele encontrara o caminho de casa.

A sua preciosa menina. Quando Aubrey era apenas uma vibração no seu ventre, Grace prometera acarinhá-la, protegê-la e desfrutar dela. Ela teria sempre um lar.

E o homem que outrora fora um miúdo perdido, que anos antes entrara nos seus sonhos de rapariga e nunca de lá saíra realmente. Ele construíra um lar.

A chuva tamborilava no telhado, a televisão era um murmúrio baixo e sem importância. Os cães dormiam no alpendre da frente e o vento húmido soprava pela porta mosquiteira.

E ela ansiava por aquilo que sabia que não devia ansiar — pousar o cesto da roupa lavada, aproximar-se e trepar para o colo de Ethan. Ser lá acolhida, até mesmo esperada. Fechar os olhos, só por um bocadinho, e fazer parte daquilo tudo.

Em vez disso, recuou, sentindo-se incapaz de entrar naquele sossego tranquilo e ocioso. Voltou para a cozinha, onde

as luzes de cima estavam brilhantes e um bocadinho fortes. Aí, colocou o cesto sobre a mesa e começou a juntar o que precisava para fazer o jantar.

Quando Ethan entrou uns instantes depois para ir buscar uma cerveja, ela tinha carne a dourar, batatas a fritar em óleo de amendoim e uma salada a caminho.

— Cheira lindamente. — Ele ficou parado com constrangimento por instantes. Não estava habituado a ter alguém que cozinhasse para si — há anos — e, mesmo então, não era uma mulher. O seu pai estava à vontade na cozinha, mas a mãe... Eles brincavam sempre com o facto de que, quando ela cozinhasse, todos precisavam dos seus conhecimentos médicos para sobreviverem à refeição.

— Fica pronto em mais ou menos meia hora. Espero que não te importes de comer cedo. Tenho de levar a Aubrey para casa e dar-lhe banho, e depois tenho de mudar de roupa para ir trabalhar.

— Nunca me importo de comer, principalmente quando não sou eu a cozinhar. E a verdade é que quero ir umas horas ao estaleiro hoje à noite.

— Oh. — Ela olhou para trás, assoprando a franja. — Devias ter-me dito. Teria apressado as coisas.

— Este ritmo serve-me. — Deu um gole na garrafa. — Queres uma bebida ou qualquer coisa?

— Não, estou bem. Ia usar aquele molho de saladas que o Phillip inventou. Tem um ar muito mais bonito do que o de compra.

A chuva estava a amainar, diminuindo para lentas gotas em forma de chuvisco com a luz do Sol aguada a debater-se para trespassá-las. Grace olhou pela janela. Estava sempre à espera de ver um arco-íris. — As flores da Anna estão a dar-se bem — comentou. — A chuva faz-lhes bem.

— Escuso de arrastar a mangueira lá para fora. Ela dava cabo de mim se elas morressem enquanto está fora.

— Não a censurava. Ela esforçou-se tanto para plantá-las antes do casamento. — Grace trabalhava de forma rápida e competente enquanto falava. Escorrendo batatas fritas, acrescentando mais ao óleo fervente. — Foi um casamento tão bonito — continuou ela, enquanto misturava molho para a carne numa tigela.

— Correu tudo bem. Tivemos sorte com o tempo.

— Oh, não podia ter chovido nesse dia. Teria sido um pecado. — Conseguia revivê-lo todo novamente, de forma tão clara. O verde da relva no quintal, o cintilar da água. As flores que Anna plantara resplandecentes de cor — e as outras que comprara a penderem de vasos e taças lado a lado com a passadeira branca que a noiva descera para ir de encontro ao seu noivo.

Um vestido branco a ondear, o fino véu que apenas acentuava os olhos escuros e delirantemente felizes. As cadeiras tinham-se enchido de amigos e familiares. Os avós de Anna tinham chorado. E Cam — o brutamontes Cameron Quinn — olhara para a sua noiva como se tivessem acabado de lhe dar as chaves do Céu.

Um casamento no quintal, pensava agora Grace. Doce, simples, romântico. Perfeito.

— Ela é a mulher mais bonita que já vi. — Grace disse-o com um suspiro apenas levemente raiado de inveja. — Tão escura e exótica.

— Condiz com o Cam.

— Pareciam estrelas de cinema, todos polidos e lustrosos. — Sorriu para si mesma enquanto introduzia molho picante na carne e mexia. — Quando tu e o Phillip tocaram aquela valsa para a primeira dança deles, foi a coisa mais romântica

que já vi. — Voltou a suspirar enquanto terminava de arranjar a salada. — E agora estão em Roma. Mal consigo imaginar.

— Telefonaram ontem de manhã para me apanharem antes de eu sair de casa. Disseram que estavam a divertir-se.

Ela riu-se ao ouvi-lo, um som soluçante e esbatido que pareceu percorrer a pele dele. — Lua-de-mel em Roma? Seria difícil não se divertirem. — Ela começou a tirar mais batatas e praguejou ligeiramente quando o óleo espirrou e lhe salpicou a parte lateral da mão. — Bolas! — No momento em que levava a queimadura ligeira à boca para a acalmar, Ethan deu um salto em frente e agarrou-lhe na mão.

— Queimaste-te? — Viu a pele rosada e puxou-a para o lava-louça. — Passa-lhe um pouco de água fria.

— Não é nada. É só uma queimadurazinha. Está sempre a acontecer.

— Não acontecia se tivesses mais cuidado. — Tinha as sobancelhas unidas, a mão a segurar-lhe os dedos com firmeza para lhe manter a mão debaixo da água a correr. — Está a doer?

— Não. — Ela não sentia nada a não ser a mão dele nos seus dedos e o seu próprio coração a ribombar-lhe no peito. Sabendo que iria fazer figura de parva a qualquer momento, tentou libertar-se. — Não é nada, Ethan. Não te enerves.

— Precisas de um bocadinho de pomada. — Começou a esticar-se para o armário à procura de pomada e levantou a cabeça. Os seus olhos encontraram os dela. Ficou ali parado, com a água a correr, as duas mãos encurraladas debaixo da queda friorenta da água.

Ele tentava nunca estar tão perto dela, tão perto que conseguisse ver aqueles pequenos salpicos dourados nos seus olhos. Porque iria começar a pensar neles, a divagar sobre eles. Depois teria de recordar a si próprio de que esta era

Grace, a rapariga que vira crescer. A mulher que era mãe de Aubrey. Uma vizinha que o via como um amigo de confiança.

— Tens de tratar melhor de ti. — A voz dele estava áspera quando as palavras percorreram o seu caminho através de uma garganta que ficara completamente seca. Ela cheirava a limões.

— Eu estou bem. — Ela estava a morrer, algures entre o prazer vertiginoso e o derradeiro desespero. Ele segurava-lhe na mão como se fosse tão frágil como cristal. E franzia-lhe o sobrolho como se ela fosse ligeiramente menos sensata do que a sua filha de dois anos. — As batatas vão queimar-se, Ethan.

— Oh. Bem. — Mortificado por ter estado a pensar — apenas por um segundo — que a boca dela devia ter um gosto tão suave como parecia, recuou com um solavanco, agora às apalpadelas para encontrar a bisnaga da pomada. Tinha o coração aos saltos e detestava a sensação. Preferia as coisas calmas e simples. — De qualquer maneira, põe um bocadinho disto. — Pousou a bisnaga na bancada e recuou. — Eu vou... ver se os miúdos lavam as mãos para virem jantar.

De caminho, apanhou o cesto da roupa lavada e desapareceu.

Com movimentos deliberados, Grace fechou a torneira, depois virou-se para salvar as suas batatas fritas. Satisfeita com o decurso da refeição, pegou na pomada e espalhou um bocadinho na mancha avermelhada na mão antes de voltar a arrumar a bisnaga no armário.

Depois, inclinou-se sobre o lava-louça, e olhou pela janela.

Mas não conseguiu encontrar um arco-íris no céu.